

O oleiro alquimista

Conta-se, desde á muitos anos, como foi que um alquimista da mais nobre terra, aquela que serenamente projectada no Tejo se desencadeia com sonhos, sobressaltou os vizinhos, o Reino e quem mais o ouviu, com uma notícia.

Primeiro, tenho de vos dizer que todos os alquimistas estavam para a química, como amadores que de tudo e mais alguma coisa, pretendiam - não para ostentar a riqueza de ter mas a riqueza de saber - fazer ouro; e tão patrocinada era mantida a ideia que contentes os nobres esfregavam as mãos quando os seus alquimistas diziam trazer uma notícia. Em relação ao de que me contaram, era igual.

Este, cujo nome, embalsamado no passado pelos que o admiraram, disperso nos tempos que entretanto correram; gozava de bom porte, boa forma, boa fama e pouca modéstia – muito requisitado pelas damas. E, embora, a sua voz não fosse de ave canora, muito pelo contrário, de estridente, especialmente quando sobre assuntos de alquimia se tratasse, era escutado sempre. Ainda que se observasse que só toscamente percebia do instrumento com que entediava os assistentes, seria escutado sempre! Ao que pretendia expôr com sinteticidade, vê-los a corresponder de orelhas empinadas e em bico, para escutarem melhor, fazia-lhe ser prolixo. Deixava-os sempre desiludidos, no final da viagem pelo mundo pré-ciêntífico, por não lhes presentear com o fecho que desejavam, mas, não era por isso que o inibiam de falar e de ser escutado; era o mito que os alimentava.

Naquela roda, associar o Alquimista a mananciais de ouro, era uma crença. O Alquimista, chamemos-lhe assim por conveniência, partilhava disso – era aí que encontrava o amparo dos alquimistas e o fundamento para a profecia da classe.

Quando recebeu a notícia de que em breve morreria, convocou os da roda, que sempre o ouviam, para a audiência que seria, dadas as circunstâncias, aquela em que os satisfaria com a anelada conclusão.

A notícia se espalhou. Estes convidados fizeram outros. E para uma época em que não existiam rádios, telefones ou sequer comboios, foi uma notícia que sem exagero chegou ao cume dos Alpes! Foi tal o alvoroço desencadeado que num piscar de

olhos estava atropelada a serenidade do município. Seges que para cá se dirigiam, numa estrada gasta pelos últimos dias, no máximo de velocidade que podiam, levantavam tal pó que ofuscavam o que aqui se vendia, peças, sempre, tão luzídias.

Até os reis de Portugal e de Espanha, fizeram-se representados ao mais alto nível, enviando do seu séquito, cada um, vinte dos que mais invejavam o magnata senhor de todo o ouro do Oriente.

Teve o mais participado auditório da sua vida para o estertor. Para aquele momento afinara a voz e cantaria como um cisne, se não fossem indivíduos dos presentes, ávidos e fátuos que informados da possível duração da sessão, a intimarem-no a demonstrar rapidamente a feitura do ouro; - antes que se fine! - o argumento em que se apoiaram.

Sentiu-se mal, o Alquimista. Do seu íntimo uma indisposição que expressada alentou a impaciência que grassava no público e que o fez cair, aleijado. Todos puderam ver que algo de invisível mas frio, quase aleivoso, lhe havia sido penetrado, ferindo-lhe a aura até à medúla. Caíria sozinho se não fosse o seu fiel assistente a segurá-lo. A ele confiou, tão resumidamente quanto lhe era natural: do barro ao ouro é um passo - ouviu-o a repetir tudo a alto e bom som e, feliz com a vida que teve, morreu logo ali.

Os que tinham vindo de longe sentiram-se defraudados; os outros, culpados. Mas, ao assistente, por o conhecer bem, estava-lhe claro o legado. Foi assim que este munido da sua integridade, largou a roda e deu-se á liberdade de ser oleiro.

As suas peças eram perfeitas. Dizia-se que «tinham origem, nas confidências de um poeta». Um poeta, Alquimista? Sem dúvida alguma, preparadas em forja rara.

Á beira-rio foi a sua oficina. Na feira defronte á Igreja, venderam-se todas. Até de longe vinham mercadores para as adquirir - estes depois trocavam-nas por esmeraldas; soube-se que um Marajá as tinha em grande estima e que as guardava na mesma sala que o seu maior relicário; também, que o próprio Midas, Rei Midas, ditou uma missiva ao nosso oleiro em que expressava invejá-lo e solenemente pedia mais uma louça daquelas por ter maculado a última, quando desejoso e inconsequentemente foi a acariciar uma das mais belas.

Do que ainda se pode ouvir na eterna e aurifulgente terra!

Digo eu!

Barreiro, 26.05.2002, Marco Binhô